

Crítica de Ópera

Aposta ganha

O Anel do Nibelungo

★★★★★

De Richard Wagner. *Adaptação de Graham Vick e Jonathan Dove. T&M/Remix Ensemble Casa da Música. Porto, Casa da Música - Sala Suggia. Sala cheia*

A criação de um novo Anel, em formato condensado e "portátil", foi sem dúvida uma aposta ganha pelos seus mentores António Jorge Pacheco, Antoine Gindt e Peter Rundel, em benefício de um público em boa parte recém-chegado ao universo wagneriano na Sala Suggia.

Com apenas 20 instrumentistas, perdeu-se certamente um pouco daquela intensidade (quase afitiva) característica das dezenas de cordas em fortíssimo e com muito vibrato, mas tal não terá traído o essencial do drama, contribuindo-se ainda para uma mais clara (e íntima) revelação da diversificada textura musical. Aqui vence a partitura de Jonathan Dove e a utilização que dela fez o maestro P. Rundel, que soube manter cristalinas e inquebráveis as mais

fráguas sonoridades, sem ceder com o seu reduzido (e familiar) efectivo perante a garra que a partitura lhe exigia nos momentos de maior veemência.

Também o trabalho de Antoine Gindt - já conhecido do público do Porto desde o espectáculo *Cor-Sequenza* que a Casa da Música criou em 2006 - contribuiu em muito para que a duração das publicitadas nove horas (em vez das 15 do original de Wagner) passasse despercebida no encantamento com que o espectáculo manteve cativa a plateia. Apoiando-se num vídeo saudavelmente pouco aparatoso - por vezes bastante directo na sua significação, noutras acessório - com heróis que parecem vir de algures entre a *Guerra das Estrelas* e o bando das sapatilhas (ou a nova elite intelectual de culto urbano) - a encenação de Gindt atingiu o objectivo de uma comunicação eficaz com a grande economia de meios que lhe garante a tal "portabilidade" necessária à digressão.

FERNANDO VIELLO/IMPACTOS



Quanto a potenciais novas estrelas wagnerianas, talvez a mais radiante seja a soprano Cécile de Boever, estreato no papel de Brünnhilde, cuja projecção vocal não a traíra na presença de uma orquestra de monumentais dimensões. Mas também Ivan Ludlow encantou conhecedores

como magnífico e portentoso Wotan. Talvez o maior desequilíbrio desta cativante produção seja, no entanto, a disparidade entre as vozes; ou talvez esse desequilíbrio seja usado em seu próprio benefício, se considerarmos a fragilidade de personagens como

Gutrune e Gunther. Mais do que preparada para acolher espectáculos de natureza dramática, a Casa da Música encontra-se assim na origem de mais um projecto artístico inovador e internacional.

Diana Ferreira